



UNICAMP

P27.03

DANÇA

EVENTO: ESPETÁCULO NUR DU

VEÍCULO: O ESTADO DE S. PAULO

DATA: 29.07.97

PÁGINA:

SEÇÃO: CADERNO 2



A bailarina Regina Advento: performance na temporada francesa do espetáculo 'Nur Du', do Tanztheater Wuppertal, renderam à brasileira capa nas revistas especializadas e elogiosas críticas

Regina Advento consagra-se com Pina Bausch

Elogiada pelos europeus, a ex-bailarina do Grupo Corpo volta para workshops e espetáculos

HELENA KATZ
Especial para o Estado

BELO HORIZONTE — Quando Pina Bausch chegar ao Rio, em agosto, com seus dois espetáculos, a ópera *Ifigênia em Tauris* e *Carnations*, a sua criação em que o palco fica inundado por cravos, nós poderemos conferir por que ela é, hoje, uma grande estrela do Tanztheater Wuppertal. A brasileira Regina Advento está nos pôsteres, na capa das revistas especializadas e do livrão que a companhia lançou no ano passado.

As críticas da temporada parisiense à nova obra de Pina, *Nur Du* (*Só Você*), que dura 3h45, descrevem-na como "a brasileira que fez seu caminho na companhia". Para Dominique Frétard, do *Le Monde*, Regina tem "pernas vertiginosas" e "metamorfoseia-se, na nossa frente, em criatura solitária, estrangeira de si mesma como do resto do mundo".

Quem tem boa memória lembra dela irradiando já algo de muito especial nas produções dos 80 do Grupo Corpo. Quando estava em cena, a intensidade da sua movimentação transformava a qualidade do seu desempenho técnico numa arma poderosa. Ninguém desgrudava o olho dela. Quando anunciou que tentaria a audição que Pina Bausch anunciava, durante a sua temporada de 1990, no Rio, foi um susto. Por que havia escolhido um trabalho tão diferente daquele que dançava? Por que alguém com tanta técnica se bandeava para a estética mais teatral que a dança podia oferecer?

Regina Advento está na Alemanha há sete anos. Aproveitando as férias para visitar a família em Belo Horizonte, hábito que mantém desde que emigrou, ela conta, com exclusividade para o Estado, como tudo ocorreu.

Pela primeira vez, vai dar workshops no Brasil. Nos dias 1º, 2 e 3, estará na escola de Angel Vianna, no Rio, e de 4 a 8, na sua velha casa profissional, lá no Grupo Corpo, em Belo Horizonte. "Sempre recebia convites para dar aulas aqui, mas não me sentia capaz. Agora, sim, sin-

to que já tenho coisas a passar para os outros."

★
Estado — Você dançava no Grupo Corpo e parecia inteiramente integrada no que fazia. De onde veio a escolha por Pina Bausch?

Regina Advento — Tinha 19 anos e acabava de entrar para o Grupo quando a conheci, por meio de um vídeo. Assisti à *Sagração da Primavera* e pensei: queria fazer isso um dia, mas nunca vou arriscar-me a sair daqui. Quando ela veio, em 1990, com o *Ouviru-se um Grito no Alto da Montanha*, algo me chamou a atenção. Era um trabalho pesado, muito pouco dançado, superteatral, diferente daquilo que eu fazia e gostava. Quando soube que haveria audição, decidi fazer para experimentar. Não acreditava que poderia ter sucesso e aqui estou eu.

Estado — E como foi a audição?
Regina — Lembro-me perfeitamente de que eu não sentia nenhuma tensão, que eu errava muito e ria, sem medo de mostrar nada. Curiosamente, é esse mesmo espírito que me define na companhia ainda hoje. Lá, sou a menina-moleca, a piveta, esse é meu personagem, pois na companhia cada qual encarna o seu modo particular de viver, cada um se define corporalmente de um jeito.

Estado — Você, então, foi a eleita?
Regina — Em absoluto. Pina esta-

va sentada do lado oposto. De repente, ela botou a sua cadeira do meu lado. Escolheu três ou quatro rapazes e, depois, conversou comigo e me mostrou o ponto de interrogação que tinha escrito junto ao meu nome. Só mais tarde recebi o convite telefônico para ir estudar na Escola Folkwang, em Essen, e para integrar o grupo de dança da escola, ambos dirigidos por ela. Foi bárbaro. Fiquei dois anos e meio lá, numa época em que o grupo funcionava muito bem — o que nem sempre ocorre.

E LA FOI PARA A ALEMANHA HÁ SETE ANOS

Estado — De bailarina profissional, com carreira consolidada, você voltou a ser estudante.

Regina — O grupo funciona como uma espécie de re-habilitação para a companhia oficial. Há uma tensão todo o tempo, porque todos querem ser escolhidos, claro. E, às vezes, o tempo passa e você vai ficando. Mas na época em que fui, todos eram novos e já no nosso primeiro ano tivemos sete coreógrafos diferentes. Foi como folhear um livro de fotografias de artistas completamente diferentes.

Estado — Qual o saldo desse contato variado?

Regina — Carolyn Carlson ensinou-me que quando se faz um gesto, é preciso sentir mover o ar. Quando cheguei à escola e vi o pessoal fazendo aula, pensei logo como era estranho todos serem fracos de técnica. Mas no dia em que assisti ao primeiro espetáculo chorei de emoção. Eles tinham uma coisa que eu não sabia: eram pessoas com uma energia completamente diferente, que parecia vir de dentro de cada um.

Estado — Como foi chegar à companhia e, finalmente, trabalhar diretamente com Pina Bausch?

Regina — Quando se entra, não há muitos bons papéis à disposição, porque lá os personagens geralmente pertencem a quem os cria. Mas Pina sempre fez algo especial com

quem chega, para apresentar bem a nova pessoa. Na companhia, aprende-se por osmose. No princípio, você faz certo, mas não está correto. Aos poucos, com a convivência, você fica pronta e nem sabe.

Estado — Como é a convivência com a outra brasileira da companhia, a Ruth Amarante?

Regina — Quando cheguei à escola, Ruth ainda era de lá. Quando a vi dançando, simplesmente abri a boca. Ela é tão especial, tem uma urgência do movimento, que é fantástica. Quando foi para a companhia, fiquei com seu solo. Ela foi maravilhosa, ensinou-me muito, ainda assim foi difícil conseguir fazer.

Estado — Como Pina cria com vocês?

Regina — Cada vez mais, nos últimos anos, pelo seu processo de perguntas e respostas. Ultimamente, ela nem mostra mais nada com movimento. Quando se começa uma peça nova, cada um pega o seu caderninho, porque precisamos anotar tudo o que fazemos. Até o figurino, o cenário e a música que pensamos para cada cena que montamos. Pina lê e vai escolhendo, geralmente uns 5% de cada um. Ela também tem uma pastinha onde anota tudo de cada um de nós. Um dia, ela dá uma lista de tudo o que você deve repetir, do que deve jogar fora e do que precisa ser retrabalhado e como. Aí começa o processo de montagem. Isso dura entre dois e três meses, com ensaios diários de 10 às 14 e das 18 às 22 horas. É muito puxado mesmo e a vida privada passa a ocorrer apenas nos intervalos do trabalho. Às vezes, passo dois ou três dias sem encontrar o meu noivo à luz do dia. Só o domingo é livre e só quando não se está em temporada.

Estado — Como são as perguntas que ela faz?

Regina — Ela pode pedir que você escreva o seu nome com dança, ou um outro nome qualquer, como foi com Viena, quando montamos *Viena, Viena*. Ou pede que você faça um movimento onde uma parte do corpo fica parada e a outra parte vai até ela, ou pede que se crie um movimento que ultrapasse um obstáculo, mas não diz qual é o obstáculo.

Estado — E a música?

Regina — Enquanto criamos, tem alguém filmando tudo. Cada um recebe uma fita do que fez e Pina assiste à fita de cada um junto, fazendo suas sugestões e escolhas. Depois que se trabalha na direção que ela pediu e se considera que está pronto, mostra-se a ela, que dá outra mexida. Você monta, mostra,

e, então, começa o outro processo, que é o de buscar a música que cabe naquilo.

Estado — Que aula a companhia faz?

Regina — Fazemos clássico e moderno todos os dias, mas não temos professores residentes. Mr. Corvino, por exemplo, um uruguaio que passou pela Folkwang, vem dar clássico, sempre. E Jean Sebron, um ex-bailarino da companhia, vem dar moderno nesta temporada.

Estado — Como vão ser os seus workshops?

Regina — Peguei meus cadernos e percebi que tenho tanto material que posso organizá-lo de duas maneiras. Tanto posso criar para outras pessoas, a partir das minhas anotações, como posso sistematizar as anotações para ajudar outros a praticar o mesmo tipo de processo. Esses primeiros workshops serão o resultado desse início de sistematização didática.

Estado — A opção por Pina Bausch valeu?

Regina — É mais que isso. Como se mede a possibilidade de poder criar o que se quer? Com ela, perdi o medo de soltar-me, de improvisar. Um exemplo: um dia, decidi cantar e cantei uma canção de Elis Regina na nossa produção sobre Brecht. Agora, em *Nur Du*, sou eu quem abre o espetáculo cantando uma canção de Billie Holiday. A capela.

PREÇOS

Desta vez, Pina Bausch apresenta a sua companhia apenas no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Nos dias 22, 23 (às 20 horas) e 24 (às 17 horas) mostra a ópera *Ifigênia em Tauris*, de Gluck, com o coro e a orquestra da casa, a convite de seu diretor, Emílio Kalil, e nos dias 27, 28, 29 (às 20 horas) e 31 (às 17 horas) dança *Carnations*.

Para *Ifigênia em Tauris*, os ingressos custam R\$ 75,00 (platéia ou balcão nobre), R\$ 50,00 (balcão simples), R\$ 20,00 (galeria ou balcão simples lateral) e R\$ 10,00 (galeria lateral). Para *Carnations*, os preços são R\$ 70,00 (platéia ou balcão nobre), R\$ 30,00 (balcão simples), R\$ 25,00 (balcão simples lateral), R\$ 15,00 (galeria) e R\$ 10,00 (galeria lateral).

O telefone para reservas é (021) 262-3935. (H.K.)

Se você tem cabelos compridos, basta prendê-los.



VIVARA

0800 111118



RIO DE JANEIRO

Saídas de Congonhas

Vão 400	(direto)	7:15h
Vão 506	(direto)	8:20h
Vão 502	(direto)	12:00h
Vão 508	(direto)	15:50h
Vão 406	(direto)	17:35h
Vão 408	(direto)	18:10h
Vão 404	(direto)	20:00h

Reservas: (0800) 123-100 - 24hs. **TAM**
Ou consulte seu agente de viagens. Um estilo de voar

Tire a sua cozinha do banho-maria.

Visite o Brastemp Center de 2ª a sábado, das 10 às 19h, até 31 de outubro. Av. Brasil, 1368 - São Paulo - SP.
BRASTEMP
Não tem comparação